

Dois caminhos. Um conflito

O QUE ELE NÃO SABIA

RANIA STONE

Contents

[O QUE ELE NÃO SABIA](#)

[Publishing](#)

[Epígrafe](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Posfácio](#)

[Mais por Rania Stone](#)

[Sobre Rania Stone](#)

Publishing
PUBLISHED BY:
Imagine Press Inc. & Tektime

eBook ISBN: 978-1-998357-39-0

O QUE ELE NÃO SABIA
Copyright © 2026 por Rania Stone
Traduzido por Penina Machado Colombo

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste documento poderá ser reproduzida, armazenada em sistemas de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro) sem a permissão do detentor dos direitos.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e eventos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor ou usados de modo fictício. Referências a pessoas reais, eventos, estabelecimentos, organizações ou localidades destinam-se apenas a fornecer uma sensação de autenticidade e são usadas ficticiamente. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

A Imagine Press Inc. não possui controle ou qualquer responsabilidade por autores ou sites de terceiros mencionados neste livro.



Capítulo 1

“EU NÃO NASCI ASSASSINO— a vida fez de mim o que sou.” Nikos Papadopoulos fez uma pausa, esforçando-se para ouvir uma resposta. Quando pensou ter detectado um gemido, continuou: — Você tá me ouvindo? — Sussurrou de onde estava, jogado no chão de terra. Não posso falar mais alto. Podem nos ouvir. — Pausou novamente. — Eu sei que você tá aí. Ouvi você gritando ontem à noite. Acho que hoje é o fim pra mim. Vieram ontem me levar para o porão. Você também tava lá, né? Devem ter te torturado até você enlouquecer, que nem eu. Preciso contar pra alguém por que matei tanta gente antes que me executem. Ele parou por um momento, engoliu em seco e se inclinou mais perto da fresta sob a porta. — Sempre tem um motivo. Permita-me esta confissão de um moribundo. Prometo que ninguém vai me ouvir e ninguém vai nos punir.

Ele precisava falar com alguém; sentia essa necessidade como se, de alguma forma, uma purificação estivesse por vir e ele pudesse subir ao céu. Como se Deus lavasse os seus pecados antes da execução.

Suas mãos e pernas estavam amarradas como punição após várias tentativas de fuga. O corpo estava ferido pelos choques elétricos, e o cabelo sujo tornara-se quebradiço com o tempo. Mantiveram-no trancado até que se quebrasse, esperando o momento em que ele falaria o que sabia.

O som do que pareciam ser passos se aproximou. Ele se jogou e arrastou-se pelo chão até o canto mais distante. Não podiam perceber que tentava se comunicar; era perigoso demais. Após um tempo, quando tudo estava quieto novamente, voltou para a abertura, encostando a boca o mais perto possível.

Recitou o que entendia ser a verdade, o melhor que pôde:

— Eu nasci em Pireu há trinta e seis anos. Meu irmão, Kostas, era três minutos mais velho. Nós dois nascemos com sintomas de abstinência, já que nossa mãe, Kiki, era viciada. Nos mantiveram no hospital por semanas,

até os médicos confirmarem que estávamos fora de perigo e sem substâncias no corpo.

Ficamos tanto tempo que a Kiki esqueceu que tinha dado à luz... e nos deixou lá.

Tudo parece um sonho vago na minha memória, cheio de branco, como os aventais das enfermeiras, e cheiro de álcool.

Passamos os primeiros anos de vida nos corredores da maternidade. As enfermeiras eram nossas mães, os médicos, nossos pais; e outras crianças como nós eram nossos irmãos e irmãs. A cada dia, tínhamos mais inveja das crianças doentes nas enfermarias, porque elas tinham pais e nós não. Elas sentiam o amor e o calor de uma família em seus quartos. A gente, não. Em nossos sonhos, a gente enganava todo mundo: íamos pra cama e fingíamos estar doentes, esperando que algum pai sentisse pena e nos levasse pra casa. Era assim que a gente se sentia quando chovia, quando fazia frio ou os relâmpagos cortavam o céu... e quando tínhamos pesadelos. Como viralatas de rua.

Havia crianças novas também e, como não tinham pra onde ir, ficavam lá conosco por muito tempo. Lembro que George foi o nome do meu primeiro amigo. Ele era mais velho. A única coisa que lembro do rosto dele era um grande hematoma no olho; o resto é um borrão na minha memória.

A gente brincava e ria quando ele se tornou parte da nossa pequena família hospitalar. Ele me disse uma vez que era melhor morrer do que voltar pra casa. Quando perguntei o que significava morrer, ele disse que é quando você se sente feliz e livre, e ninguém mais pode te machucar. O único problema era que você nunca mais acordava e que podia doer um pouquinho antes. Fiquei pensando em como alguém podia dormir e nunca mais acordar, então perguntei pra uma enfermeira. Mas assim que contei, ela pareceu assustada e trouxe alguém pra cuidar do George. Depois disso, o George não falou mais comigo. Eu tinha contado o segredo dele. Mas, naquela época, eu ainda não entendia o que significava manter um segredo. Então, até o Kostas ficou bravo comigo e também não queria mais o George por perto.

O Kostas nunca se interessou em dar o primeiro passo pra fazer novas amizades. Nem precisava tentar. Às vezes, me parecia que ele era tão simpático que tinha um tipo de ímã que atraía as pessoas, mesmo que a gente fosse fisicamente igual. Mas nossas personalidades... ah! essas eram

bem diferentes. Quando eu conhecia alguém, demorava pra decidir se falaria com a pessoa. Sempre fui hesitante, meio distante, e ainda sou.

Sempre que vinham os funcionários públicos ou políticos em campanha, eles concordavam que aquilo ali não era vida pra nós; e depois, fechavam a porta atrás de si e nunca mais olhavam pra trás. Uma vez ouvi dizer que ninguém nos queria porque nascemos viciados. Não entendi de primeira o que queriam dizer, mas aprendi da maneira mais difícil enquanto crescia.

No fundo, a gente nem se importava tanto. Nosso maior medo não era ficar no hospital até os dezoito anos. Nosso maior medo era sermos separados.

A Lila, uma das enfermeiras, era a mais especial de todas. Ela era gentil. Foi a Lila quem nos deu nossos nomes. Por causa de um amor de infância, me chamou de Nikos; e meu irmão se chamou Kostas, o nome do marido dela. Nós éramos "os homens da vida dela" e, pra nós, aquela enfermeira era o mais próximo que já tivemos de uma mãe. Ela sempre chegava um pouco mais cedo pra nos ver e brincar com a gente. Também trazia doces e passava os intervalos ao nosso lado. Era uma mulher baixa, rechonchuda, de cabelo castanho sempre preso num rabo de cavalo. Tinha as bochechas rubras e olhos castanhos amendoados. Ela era perfeita pra mim.

Como não sabíamos como era morar numa casa de verdade, tivemos que aceitar a vida num hospital na Grécia, no início dos anos 70. Não reclamávamos, o lugar era aceitável, embora às vezes sufocante. Como éramos gêmeos, viramos uma atração para os médicos — e disso a gente gostava.

Os dias pareciam todos iguais. A única diferença era quando decoravam as alas no Natal; se alguma criança recebesse alta e esquecesse brinquedos no hospital, a gente podia ficar com eles. Ficávamos encantados por um tempo, esquecendo a nossa realidade solitária.

Depois de tantos anos, posso não lembrar de muitas imagens, mas lembro das emoções e dos cheiros. Lembro de quando íamos pro pátio e podíamos respirar ar puro. O cheiro da primavera encharcava minha mente e eu sonhava que um dia a gente ia embora para fazer grandes coisas. Seríamos pilotos e sobrevoariamos o hospital. Escreveríamos mensagens com a fumaça do avião, e as enfermeiras veriam e ririam. Era só isso que a gente queria: fazer os outros rirem.

Tínhamos que ser calmos e obedientes pra não incomodar ninguém. Tínhamos que ser calmos e obedientes pra não incomodar ninguém. Caso

contrário, vinha a ameaça do diretor: dizia que duas crianças órfãs como nós não encontrariam ninguém que nos adotasse juntos, e seríamos separados.

Como eu disse, esse era o verdadeiro pesadelo.

Um dia, uma garotinha chamada Katerina chegou. Não lembro do rosto dela, só do nome, e de que ela parecia ser legal. Um policial a trouxe, disse que ela tinha fugido de casa. E, como o hospital era o mais próximo, a polícia decidiu deixá-la com a gente. Assim como eu, ela tinha seis anos e medo de falar com qualquer pessoa. Ela se encolhia num canto do quarto, cantarolando sem parar uma melodia que às vezes ainda ouço nos meus sonhos. Ao contrário do Kostas, que não dava a mínima, eu queria falar com ela. Quando me aproximei, o medo nos olhos dela me fez travar o passo. Sentei por perto e, depois de um tempo, ela meio que me aceitou ali em silêncio, mesmo que o pavor não tivesse ido embora.

Certa vez, uma enfermeira entrou no quarto da Katerina trazendo comida. Quando a mulher se aproximou, a menina deu um grito, encolhendo-se como em um casulo. Em pânico com a gritaria, a enfermeira deixou o prato cair na mesa e saiu correndo da sala. Foi ali que eu entendi o poder de ter uma voz alta.

Meu irmão mergulhou na cama e cobriu os ouvidos pra não ouvir os gritos dela.

Eu não saí dali. Fiquei calmo, só observando, sem dizer uma palavra. Ela finalmente sossegou e eu levei o prato até ela. Devia estar morrendo de fome; comia tão esganada que nem me dava tempo de oferecer a próxima garfada.

Depois de comer, ela tentou falar com uma voz que parecia vir do fundo da alma. Me agradeceu e não disse mais nada. E assim, até o dia em que a levaram, ela nunca mais saiu do meu lado, o que irritava profundamente o Kostas, e a gente brigava muito por causa disso. Acho que foi a primeira vez que ele ficou tão bravo comigo que a enfermeira teve que nos separar.

Fiquei arrasado quando a Katerina foi embora, mas o Kostas estava feliz porque tinha o irmão de volta. Pouco tempo depois ela voltou, mas parecia pior. Ficava horas olhando para o nada. Quanto mais eu perguntava o que tinha acontecido, mais ela se fechava. Mas eu era insistente e tinha tempo, então, quando se sentiu mais à vontade, ela me mostrou as pernas.

Alguém as tinha queimado.

Devia ser queimadura de cigarro. Ela não quis dizer quem fez, por quê, onde estava a família ou por que a trouxeram de volta. Eu não sabia o que fazer. Queria protegê-la, então pensei em falar com o Kostas. Ele também ficou abalado, mesmo não querendo ela por perto. Juramos que não deixaríamos ninguém a machucar se ela nos contasse a verdade. Mais uma vez, ela não disse nada — só nos abraçou e agradeceu.

Nós três nos divertíamos muito. A Katerina era nossa irmã; unha e carne, separados pelo sangue e unidos pela sobrevivência, até que a levaram de novo.

Assim como da última vez, ela voltou e resolvemos fugir. Mas não planejamos bem. Achamos que escapar pela lavanderia seria fácil. Nos escondemos num cesto de lençóis sujos e, antes que a funcionária o esvaziasse, saímos do cesto e nos escondemos entre os sacos de lixo. Passamos a noite inteira lá, ouvindo as buscas por todo o hospital. Estávamos tão perto de conseguir, até que a voz chorosa da Lila nos fez desistir. Ela gritava nossos nomes enquanto soluçava. O Kostas e eu não aguentamos. Não podíamos machucar a Lila daquele jeito.

Isso nos rendeu uma surra e, depois disso, a Katerina ficou com tanta raiva que não queria nem ver a gente. Para piorar tudo, logo no dia seguinte, levaram ela embora e nunca mais a vimos. Me senti péssimo por ter falhado com ela, e jurei a mim mesmo que, quando crescesse, eu ia encontrar um jeito de consertar as coisas.

Um dia, a Lila entrou no quarto com lágrimas nos olhos. Nos abraçou, beijou nossas cabeças e disse o quanto nos amava. Explicou que tinha chegado a hora de termos um lar de verdade, como as outras crianças.

A Kiki entrou na ala de um jeito tímido. Ela era uma mulher magra, de cabelos castanhos compridos e olheiras profundas, usando um vestido preto que parecia grande demais para ser dela.

Ela abriu os braços e estendeu as mãos ossudas para nos abraçar. Não nos mexemos, parados como estátuas. Quando ela se aproximou, nos escondemos atrás da nossa redondinha Lila, em busca de proteção. E a Lila, dividida entre parar de chorar e limpar o rosto, nos impelia a seguir com ela:

— Ela é a mãe de vocês, a mãe de verdade. Ela estava doente, mas tá melhor agora e voltou para buscar vocês, pra serem uma família — a Lila falou, mas sem convicção nenhuma.

O Kostas deu um passo à frente, como um irmão mais velho, pra ver se era verdade.

— Mãe? — Ele perguntou.

A Kiki o abraçou e, assim que ela abriu os braços, um cheiro estranho entrou nas minhas narinas. E foi ali, a partir daquele dia, que o cheiro de cigarro e álcool passou a fazer parte do meu cotidiano.

Eu não queria ir. Só conhecia a Lila e queria a Lila.

Juntaram as nossas coisas em duas malas e nos levaram pro carro que esperava lá fora. A Lila chorava enquanto a Kiki me arrastava. Resisti o quanto pude, mas não adiantou. Meu irmão sorriu e me lançou um olhar enraivecido, estava chateado porque eu não estava "me comportando". Mas eu só não queria ir embora. O hospital era minha casa e eu não queria ser arrancado de lá só porque ela resolveu lembrar que era nossa mãe.

E ainda tinha a Katerina. Se eu saísse e ela voltasse, nunca mais a veria. Eu não ia conseguir cumprir minha promessa.

Mas não tive escolha. Eu era jovem demais pra ter opções, criar alternativas ou definir minha própria vida.

Quem foi que disse que os adultos eram os maduros, os capazes de moldar o destino dos filhos?

Não foram os adultos que machucaram a Katerina?

Eu não confiava em adultos e estava prestes a descobrir que eu tinha razão.

Capítulo 2

O MOTORISTA NÃO FALOU. Apenas nos observava no espelho enquanto, com descaso, fumava um cigarro. Desde o início, não gostei de como ele nos olhava — emanava truculência e desprezo. Ele parecia ser mais velho que a Kiki e tinha um bigode farto e gorduroso. Seu cabelo ainda era preto e grosso, e ele sempre tentava esconder os olhos atrás de óculos enormes, como se não quisesse que víssemos para onde ele estava olhando.

— Meninos, não olhem assim para ele. Não é legal — disse Kiki.

— Eu sou Takis, amigo da sua mãe — ele falou em um tom seco. E foi a única coisa que ele disse durante todo o caminho.

Dirigimos por um longo tempo, já que a casa era muito longe do hospital. Kostas e eu olhávamos pela janela boquiabertos com a paisagem; era tudo novo e estranho, nunca tínhamos visto aquelas ruas. Na verdade, a nossa vida era no hospital e, em algumas poucas vezes, fomos para a cidade próxima com autorização especial e muitas recomendações. O hospital tinha um grande jardim de inverno, colorido por flores onde passávamos a maior parte dos nossos dias, brincando juntos. De vez em quando, adotávamos alguns cães vira-latas; eles nos ajudavam a lembrar que éramos crianças, e não produtos hospitalares. Então, todo esse trajeto foi mágico para nós ao passo que chegávamos mais perto do nosso destino. Era como se o governo, Deus ou os dois houvessem abandonado aquele lugar.

Por fim, o carro entrou em uma rua de terra toda esburacada. Era ridículo como tremíamos que nem vara verde, então olhamos um para o outro e rimos da situação. A essa altura era melhor rir do que chorar.

Takis nos lançou um olhar de gelar a alma, e paramos de rir na hora. Sem dúvida, “tio Takis” não gostava de barulho.

Foi quando o carro parou do lado de fora de uma casa velha, sem pintura, com uma pequena porta com grades. Ficamos cheios de espanto, já que não esperávamos que nossa casa fosse externamente pior do que o hospital.

Lá fora, vizinhos curiosos apareceram em suas portas e janelas como se fôssemos a nova atração do circo do bairro.

O interior da casa estava pior, imunda. Tinha um quarto, um banheiro, uma cozinha pequena e estreita e uma pequena sala de estar. Na sala de estar, Takis havia colocado dois colchões — e era isso.

Nosso novo lugar, onde a nossa nova vida começou.

Colocamos nossas coisas no chão e exploramos a casa. Meu irmão ficou abraçado à nossa mãe enquanto eu preferia explorar a área.

O velho papel de parede tinha bolhas devido à umidade, e o mofo no teto estava se espalhando perigosamente. Metade das lâmpadas estava queimada, mas depois de um tempo, quando as contas não foram pagas e não tínhamos mais eletricidade, não fez tanta diferença, afinal. A casa cheirava a umidade e poeira, pioradas pelo fato de as persianas estarem sempre fechadas. Repetidas vezes, tínhamos que sair para respirar fundo um pouco de ar puro. Só de lembrar, sinto aquele cheiro moribundo impregnado em mim.

No começo, tudo parecia ir bem até demais. Takis estava quase sempre fora enquanto Kiki tentava ser a mãe que nunca foi. Tentava fazer uma refeição funcionar com o pouco que tinha. Às vezes, ela precisava pedir comida aos nossos vizinhos, que aproveitavam a oportunidade para humilhar bastante enquanto ela aceitava o que quer que nos alimentasse. Ela dividia tudo o que os vizinhos lhe davam ao meio, a metade era nossa e a outra para o Takis.

Sentia falta dos tempos com Lila. No fundo, eu estava furioso por tê-la perdido por causa da Kiki. Ninguém me perguntou o que eu queria e eu não queria ela como minha mãe. Ela tinha aquele cheiro de cigarro da cabeça aos pés, já o Takis, quando chegava, ele exalava uísque.

Takis não nos queria, e nós sabíamos disso desde o primeiro momento. Kostas pedia que eu falasse com ele apenas quando fosse necessário e que fosse sempre educado, porque ele tinha muito medo de ser expulso e perder a Kiki. Nossa mãe tinha aprendido a apenas obedecer e temer o Takis. No começo, eu não conseguia entender o porquê de ela estar com aquele cara. Então, um dia, perguntei a ela sobre os nossos parentes, e ela me disse que que não tinha nenhum e muito outro lugar para ir. Kostas queria saber onde o nosso pai estava, mas ela sempre mudava de assunto para evitar discutir sobre. Uma vez, o Kostas insistiu em saber, e ela caiu em prantos. Ele não perguntou mais nada, não queria chateá-la de novo, ou, pior ainda, perdê-la.

Ao contrário do Kostas, eu não ligava a mínima se ela estava viva ou morta. Ela simplesmente não era o suficiente. A Kiki não era a mãe que eu queria ter.

Na minha opinião, mães viviam em casas bem cuidadas e limpas. Eram honestas, carinhosas e até mesmo preparavam doces e biscoitos. Quando falavam, era com calma e não com gritos e choro. Além disso, elas não gritavam sempre que os filhos desobedeciam a algo, ou melhor, elas não batiam nas crianças. Nem os trancavam dentro do guarda roupa para sair, nem deixavam que seus homens lhes batessem.

Eu tinha o Kostas como uma mãe, e irmão. Eu tremia só de pensar que alguém poderia nos separar. Eu sabia que um dia, teria que seguir minha vida sem ele; seria uma questão de sobrevivência.

Um dia, Takis chegou cedo do trabalho como caminhoneiro, e infelizmente, Kiki estava fora em busca de algo. Ele nos disse para lhe servirmos comida. Na panela, tinha apenas um pouco de sopa de feijão que o Kostas tinha comido mais cedo. Ele ficou furioso quando explicamos que não tinha comida e gritou conosco.

— Quem comeu isso? — Quem? Falem, seus bastardinhos. Eu trabalho duro o dia inteiro e chego em casa e vocês, seus pirralhos, estão comendo minha comida. Quem comeu isso porra?

Ficamos congelados de medo após sua violenta explosão.

Mesmo assim, me forcei a mover o corpo e fiquei entre ele o Kostas. — Me desculpe, Sr. Takis, é que eu estava com muita fome. Não aguentava mais o som do meu estomago roncando. Kiki logo chega e faz algo para o senhor comer também. Não vai demorar.

Takis fechou a mão suja e socou a mesa, tão forte, que nós dois demos um pulo...

— Kiki? ele repetiu. Depois de tudo que ela fez por você, ainda chama ela de Kiki? E foi levantando e puxando o cinto em volta da sua barriga de cerveja.

Dei um passo para trás e esbarrei no meu irmão. — Ela poderia ter abortado. Ela não nos perguntou se queríamos nascer.

Takis se lançou para frente e minha cabeça foi jogada para o lado pela violência do golpe. Minha bochecha queimava onde levei o golpe enquanto as minhas mãos se cerraram de raiva.

— Dei-lhe um chute no saco e corri. Kostas apenas olhava enquanto eu ia embora.

Corri como nunca, para bem longe daquela casa, o mais longe que eu pudesse. Se o Takis me alcançasse, eu não tinha chance. Pelo olhar dele, todo dia, eu sabia que ele não nos queria. O que eu não entendia era o porquê ele ficou. O que mantinha ele ali na nossa vida miserável.

Eu corri por diversos bairros e então mais longe ainda. Eu queria mesmo deixara aquele moquifo para trás e voltar para a Lila. Quem sabe, eu encontraria de novo a Katerina. Qualquer coisa era melhor que voltar para a Kiki e Takis. Eu sabia que apanharia quando voltasse.

Infelizmente apreciava que tudo estava contra mim. Uma tempestade caiu e eu precisei encontrar um lugar para me abrigar. Parecia que eu ia ter um infarto por causa de tanta adrenalina, medo e cansaço. Sentei no batente de uma porta e esperei a chuva passar. Não tinha para onde ir, mas isso não me assustava. Lembro daquele dia como se fosse hoje, enquanto a chuva forte caía eu tentava enxugar as lágrimas... O desespero para sumir e nunca mais voltar era forte, mas eu não podia deixar Kostas naquele lugar.

Fiquei ali sentado até o anoitecer, sabia que tinha que voltar. Fui me arrastando como se tivesse correntes invisíveis nos pés até chegar em casa. Entrei na ponta dos pés, mas a casa estava vazia, as luzes apagadas.

— Kostas? — Sussurrei. — Kiki?

Ninguém respondeu.

Por um minuto, imaginei se eles tinham ido embora e me deixado para trás. Corri gritando pelas ruas até que uma vizinha me mandou ficar quieto.

— Se acalma, disse a mulher. Por que tanta gritaria?

Ela acariciou minha cabeça com suas mãos envelhecidas e me levou para sua casa. E foi a primeira vez que eu entrei em uma casa que não era a minha. Embora a Sra. Lambia fosse pobre e de meia-idade, o quarto estava cheio de vasos de cristal, impecáveis e bem cuidados. Era como se estivesse entrando em um mundo encantado e esqueci toda a minha realidade. Ela me acomodou em um antigo sofá de veludo e me trouxe um copo d'água acompanhado de um doce de colher.

Nunca tinha visto ela antes, mesmo que ela morasse no outro lado da rua. Eu era proibido de falar, ainda mais entrar na casa de alguém. Dona Lambia era meio magra, não lembro mais o rosto dela, apenas as flores amarelas, o vestido e o que ela me disse.

— O seu irmão está no hospital. — Disse com um tom de voz hesitante.

Kiki voltou para casa à minha procura. Quando ela então me encontrou, fomos ao hospital juntos para ver o Kostas. Nunca tinha visto ele daquele

jeito. Parecia que um caminhão tinha atropelado ele.

A Kiki falava para todo mundo que ele foi atropelado enquanto me procurava. Ele estava com o rosto todo inchado, uma perna quebrada e várias costelas trincadas. Ele não falava com ninguém e virou o rosto quando eu tentei falar com ele. Nunca esquecerei aquele jeito que ele me olhou,

Enquanto os dias passavam, permaneci em silêncio também enquanto ruminava aquilo tudo. Takis sumiu e, a Kiki não saiu do lado do Kostas nem um segundo. Como um passageiro clandestino no trem da família eu dormia encolhido em um canto.

O Kostas não queria papo comigo. Eu não deveria tê-lo deixado para trás. Depois de uma semana de silêncio, a Kiki saiu um pouco, e eu confrontei ele.

— Por favor, fala comigo. Uma hora você vai ter que falar comigo. Eu não devia ter deixado você. Eu sei, e prometo que não farei novamente.

Kostas virou o rosto na minha direção e me olhou nos olhos pela primeira vez em uma semana. Depois de muitos dias, os machucados estavam melhorando e o rosto estava voltando ao normal. Ele sorriu mostrando os dentes. Todos quebrados.

— Eu não fui atropelado por um carro ou caminhão — Kostas resmungou. — Também não cai nem tentei nada. Assim que você saiu, Takis me falou que, como somos iguais, não importava quem de nós fugiria ou pagaria pelo outro. Daí ele me bateu até que eu caí no chão desmaiado. E acordei aqui.

— Takis fez isso com você? — Olhei para cima tentando não surtar. — Vou matar ele.

— Não fala bobagem. Você tem ideia de como ele é maior e mais forte? Você não tem chance. Esquece isso cara. Você não vai mudar o que aconteceu.

— Eu nunca vou esquecer o que ele te fez. Sempre lembrarei de todos que me prejudicaram.

Para a nossa alegria, o Takis desapareceu por um tempo e, a Kiki passou a buscar um emprego. Ela somente o tolerava porque ele nos pagava uma quantia. Em troca, ela cedia o lugar para ele morar.

Mas então tudo mudou.

You've Just Finished your Free Sample

Enjoyed the preview?

Buy: <http://www.ebooks2go.com>